

Leitura e Articulação do Conhecimento: um olhar sobre o ensino e a prática da escrita

Maria Cleide Rodrigues Bernardino, Carine Rodrigues Nogueira, Edivânia Frutuoso da Silva

RESUMO: Este trabalho propõe uma abordagem dos elementos da produção textual e suas etapas como ferramenta fundamental para o ensino de língua portuguesa, no sentido de apresentar algumas possibilidades de melhorar a prática da escrita integrando essa atividade à construção do conhecimento, distanciando-a do aspecto mecânico ao qual foi submetida ao longo dos anos. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica que possibilita a vantagem de uma ampla cobertura ao pesquisador. Nossa hipótese está embasada na problemática do ensino da leitura no país que, conseqüentemente reflete no processo de escrita, que por sua vez é oriunda de uma educação, que no mínimo, merece reflexões. Por fim, esperamos contribuir para a reflexão sobre o processo de ensino da leitura e da escrita em nosso país, sobretudo, na cidade de Juazeiro do Norte, CE.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Produção Textual.

Reading and Links of Knowledge: looking into the teaching and practice of writing

ABSTRACT: This paper proposes an approach of the elements of textual production and its steps as a essential tool for teaching portuguese, to present some possibilities to improve the practice of writing activity incorporating this knowledge building, away from the mechanical aspect of the which was submitted over the years. The methodology used was literature that provides the advantage of a wide coverage to the researcher. Our hypothesis is based on the problem of teaching reading in the country, consequently reflected in the writing process, which in turn comes from an education that at least deserves reflection. Finally, we hope to contribute to the reflection on the teaching of reading and writing in our country, especially in the city of Juazeiro do Norte, CE.

KEYWORDS: Reading. Writing. Text Production.

Introdução

Nos últimos anos a comunidade acadêmica e as autoridades, representadas aqui pelo MEC – Ministério da Educação e Cultura e Secretarias de Educação, têm demonstrado preocupação quanto a habilidade da leitura e da escrita. Isso se deve aos resultados negativos em avaliações como ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio e PISA – Programa Internacional de Avaliação de Alunos.

A questão do ensino-aprendizagem da língua portuguesa em todos os níveis da educação básica, apesar de receber grande destaque entre os educadores, ainda não consegue alcançar seu objetivo no que diz respeito a sanar a espécie de abismo existente entre o plano das ideias e a prática da escrita na hora da temida redação, evidenciando com isso a dificuldade em elaborar textos coerentes. A problemática nem sempre está na falta do que dizer, mas em não saber como dizer. Uma vez que esse aluno não consegue articular o conhecimento adquirido a seu favor na hora de construir um texto, detecta-se, portanto, a inabilitação do sujeito para o uso da sua própria língua.

Devido os estudantes, muitas vezes, não conseguirem realizar os dois trabalhos cognitivos – pensar o que deseja transmitir e usar seu acervo de conhecimento lingüístico no ato de escrever – ao mesmo tempo, transformam a escrita em uma atividade de repetição de construções frasais decoradas e engessadas e/ou reprodução quase fiel da oralidade.

Isto reflete um problema ainda maior quanto a qualidade da educação em nosso país, oriundos da crescente diversidade de opções midiáticas que os alunos hoje dispõem, que nem sempre atuam a seu favor, mas em alguns momentos tendem a dispersá-los de objetivos mais concretos de conhecimento e leitura, que por sua vez o levam a uma escrita mais coerente.

A atividade da escrita enquanto reprodução de símbolos – as letras do alfabeto – é mais fácil de atingir. Mesmo assim, afirmar que este indivíduo está plenamente alfabetizado seria uma atitude precipitada. “[...] Pensar em pertencimento à cultura

escrita é muito mais que pensar em saber ler e escrever. É referir-se a um modo de organização e de produção social”. (BRITO, 2005. p. 3). Com tudo isso, ao invés de desenvolver o raciocínio como extensão do pensamento, acaba por estagná-lo. E quando futuramente for exigido o seu posicionamento crítico diante da sociedade que o abriga, quer seja na escrita ou não, será uma atividade sofrível.

Garcia põe em evidência a necessidade da ação previa a atividade da escrita que é o estímulo ao raciocínio quando afirma, categoricamente, que a aprendizagem da escrita configura no aprender a pensar. Nas suas palavras,

[...] aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar, aprender a encontrar ideias e a concatená-las, pois assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode transmitir o que a mente não criou ou não aprovisionou. Quando os professores nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes sugerirmos roteiros ou rumos para fontes de ideias, sem, por assim dizer, lhe “fertilizarmos” a mente, o resultado é quase sempre desanimador: um aglomerado de frases desconexas, mal redigidas, mal estruturadas, um acúmulo de palavras que se atropelam sem sentido e sem propósito; frases em que procuram fundir ideias que não tinham ou que foram mal *pensadas* ou mal digeridas. Não podiam dar o que não tinham, mesmo que dispusessem de palavras-palavras, quer dizer, palavras de dicionário, e de noções razoáveis sobre a estrutura da frase. É que as palavras não criam ideias, se existem, é que, forçosamente, acabam corporificando-se naquelas. (GARCIA, 1992. p. 291)

A atividade de escrever necessita da prática de leitura como a terra precisa de água e de adubo para frutificar. A escrita é, portanto, um exercício de ir e vir, assim como na leitura e envolve habilidades e domínios cognitivos, bem como ação mediadora de estímulos e de conhecimentos. Como afirma Mello (2005, p. 26), “a aquisição da escrita tem um papel enorme no desenvolvimento cultural e psíquico da pessoa, uma vez que dominar a escrita significa dominar um sistema simbólico

extremamente complexo que cria sinapses essenciais para outras formas elaboradas de pensamento”.

Numa das máximas de Bakhtin, “a consciência individual é um fato sócio-ideológico” (1995, p. 35), desse modo, a nível individual, a consciência não explica nada e nem a si mesma, ao contrário, deve ser explicada através do campo ideológico e social do sujeito- escritor. A habilidade da escrita, que não é inata do indivíduo, é construída pautadamente ao processo de aprendizagem através da interação, na qual a consciência se impregna de conteúdo ideológico.

A Importância da Leitura Para o Processo de Escrita

Por ser uma prática que exige certos conhecimentos, a escrita não pode e não deve jamais ser dissociada da prática da leitura, uma vez que é esta que dá os subsídios necessários para incorporar vocabulários e experiências tão necessários a escrita. É a leitura também que oferece ao leitor e produtor de textos, a criatividade necessária para o desenrolar do pensamento e a criticidade para não cair no óbvio.

Para escrever é preciso conhecimento de língua e de situação, o que somente se adquire através da leitura. como reforça

Conhecer exige leitura. Na educação, desde o nível mais elementar ao mais complexo, ler potencializa o saber. A partir do momento em que a humanidade deixou de ser ágrafa, tornou-se contraditório pensar na sociedade sem a leitura. No entanto, existem barreiras a transpor como, por exemplo, aliar a teoria da leitura a encaminhamentos da prática pedagógica, de modo que as instituições mediadoras de leitura qualifiquem e ampliem suas propostas de formação de leitores.(BARROS, 2006. p. 15)

A responsabilidade da escola é muito grande e a do professor é ainda maior, por atuar neste espaço como um mediador entre a leitura e o aluno, entre o aluno e o processo de escrita, sobretudo, no que diz respeito à escrita, que podemos dizer aqui que

é produto da leitura e da escola e que é constantemente avaliada pela sociedade, por se tratar de uma sociedade grafocêntrica.

É fato que não se pode escrever sem conhecer. E que o mesmo não se pode obter sem a leitura. Dado os problemas que o país enfrenta no tocante a leitura e compreensão do que se lê, o produto desta, ou seja, a escrita, é tão ou mais difícil do que o ato de ler simplesmente, por uma prática estar atrelada a outra, como corrobora Smith.

[...] é somente através da leitura que qualquer pessoa pode aprender a escrever. A única maneira possível de se aprender todas as convenções de ortografia, pontuação, letras maiúsculas e minúsculas, parágrafos e até mesmo gramática e estilo, é através da leitura. Os autores ensinam como escrever aos leitores.(SMITH,2003, p. 212)

Contudo, é importante ressaltar que ensinar não se resume a exercício de cópia. Uma interpretação errônea por parte do mediador de uma teoria põe por água abaixo todo o processo de aprendizagem do sujeito-aluno que está ainda formando a sua postura crítica. Por exemplo, a afirmativa de Smith (2003, p. 212) “os autores ensinam como escrever aos leitores”, se interpretados apenas enquanto modelos a serem repetidos/copiados em vez de contribuir na construção do conhecimento estão é atrofiando a atividade crítica.

Os grandes escritores da literatura não estão para elencar uma série de modelos a serem seguidos a risca por sujeitos “inferiores” no domínio do discurso, eles estão demonstrando como fazer uso da língua, que é comum a todos, a maneira deles, o que inclusive lhes confere identidade - à moda Alencar, à moda Machado de Assis, à moda Clarice – dentre outros. Cabe ao educador-mediador apresentar, da forma mais adequada, exemplos de formas de uso da língua, mas incitar o aluno a criar a sua identidade discursiva, enfim, o seu jeito particular de dizer.

Além dos elementos de práticas leitoras, escrever necessita de outros fatores, que por sua vez se aprende na escola, mas que se não estiver arraigada no desejo da leitura não se consegue muita coisa. É importante compreendermos que apesar de ser uma responsabilidade da escola, esta não é garantia de formar bons escritores, exatamente por contar com outros aspectos próprios do ser humano e que não podem ser

encontrados em receitas, porém podem ser suscitados através do ato da leitura propriamente dito. Quanto aos elementos da escrita falaremos a seguir.

Transformando o Pensamento em Material Concreto: elementos da textualidade e as etapas de escritura

O ato de ler incorpora práticas e gestos, ao mesmo tempo em que exige boa diversidade de textos, o que concerne em subsídios para produzir bons escritos. Deste modo, não podemos pensar a escrita como uma ação totalmente isolada, mas como algo inerente a leitura, que parte dela e para ela. Ou seja, é antes de qualquer coisa uma atividade interativa entre os sujeitos envolvidos: emissor-escritor, texto e leitor-receptor.

Tendo em vista a relação dialógica, o primeiro externa através do discurso a expressão do seu pensamento, legitimando-o pela palavra escrita. O último, o leitor-receptor, considerando que seja um indivíduo em construção, na qual a identidade é mutável, recebe tais informações que podem transformá-lo ou reafirmá-lo enquanto sujeito. Assim, o texto, é o veículo de propagação desse discurso sempre carregado de carga ideológica.

[...] O que interessa estudar não é a forma mais adequada para o receptor captar a mensagem, mas sim a forma mais eficaz para ele mudar sua atitude, suas crenças e comportamento. Para poder influenciar o leitor, o escritor deve pressupor muito de seus antecedentes, de sua ideologia, e ser orientado por essas pressuposições. (KATO, 2004. p. 84)

Nesse sentido, alguns elementos são fundamentais à boa produção textual, são eles: a intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade, coesão e coerência. A falta de algum destes implicará numa deficiência qualitativa do texto. É a ação conjunta desses elementos que propicia a organicidade, culminando em bons resultados no plano concreto – da escrita.

O primeiro deles, - a intencionalidade - é a razão pela qual se escreve, o que se pretende com o texto. A partir do momento que o texto é transformado em material escrito não pode ser vazio de propósito; deixa de ser um pensamento particular para se

tornar discurso, ou seja, passa da esfera individual para a sócio-ideológica, não podendo ir de encontro às ideias socialmente estabelecidas e aceitas como verdades universais, uma vez que põe em risco a aceitabilidade, o segundo elemento fundamental.

A situacionalidade corresponde ao contexto no qual o discurso está inserido. Alguns autores preferem chamar de temporalidade ou espacialidade; independente do nome ajuda tanto o escrito quanto o leitor a se localizar no texto.

A intertextualidade ganha *status* de grande importância na produção de textos, principalmente de ordem dissertativa, porque numa produção é preciso recorrer a outros escritos, em alguns casos, apropriando-se de outros ditos para transmitir um novo olhar sobre um velho pensamento.

[...] Em sentido amplo, a intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto, como componente decisivo de suas condições de produção. Isto é, ela é condição mesma da existência de textos, já que há sempre um já dito, prévio a todo dizer. Segundo J. Kristeva, criadora do termo, todo texto é um mosaico de citações de outros dizeres que o antecedem e lhe deram origem. (KOCH, 2006. p. 86)

A coerência e a coesão são pares perfeitos de um mesmo elemento. Ambas atuarão como “linha de costura” para agregar todos os elementos acima citados, incorporando-os ao texto, relacionando-os com o contexto e utilizando-se de outros textos na composição do discurso. Apesar de possuírem suas especificidades, elas se completam, pois ao passo que uma lida com os mecanismos de estruturação a outra se refere aos mecanismos de compreensão dos textos.

Ao contrário da oralidade, que é mais espontânea, o sucesso da construção textual escrita está ligado ao respeito às etapas de planejamento, da escrita propriamente dita até a revisão e reescritura. Ao mesmo tempo interdependentes e intercomplementares, cada uma possui função específica, por isso anular alguma delas é comprometer o objetivo do texto e inclusive vir a empobrecê-lo permitindo, por exemplo, a inserção de expressões que na fala são plausíveis, mas que na escrita são consideradas como vício de linguagem.

O planejamento é todo o cuidado que quem escreve deve ter na escrita, desde a escolha do tema, definição dos objetivos, a escolha do gênero e a linguagem mais ou menos formal, tudo isto faz parte desta etapa, pois é através desses fatores condicionantes que as idéias selecionadas serão dispostas no texto permitindo prever a forma como a informação chegará no leitor.

A segunda etapa corresponde ao próprio ato de escrever, é a transposição para o papel daquilo que foi planejado na primeira etapa. É um exercício de erro-acerto, pois se testa as formas de dizer uma mesma idéia para só depois escolher a melhor. É quando passamos à terceira fase, de revisão e reescritura.

A revisão é um momento de análise do autor com o seu produto, no qual poderá conferir se houve o cumprimento dos objetivos traçados e se respeitou os princípios indispensáveis da coerência e da coesão e se obedeceu a própria ordem estrutural de apresentação do corpo textual – a paragrafação, a pontuação. A reescritura é a peneira mais fina no processo da escrita, pois nela deve constar o mais precioso, um verdadeiro exercício de lapidação.

Na confluência dos elementos fundamentais com as etapas da produção do texto escrito acima mencionados, aquele que tenciona escrever não um mero texto redacional – aqui aplicando o termo *redação* com o sentido de treino, repetição de formas cristalizadas, que foi perpetuado na escola por um longo período no ensino da língua portuguesa – deve considerar sempre a produção textual enquanto processo, e como tal, exigidor de tempo. A escrita não é imediata ao pensamento e requer do escritor disposição e, sobretudo, disponibilidade.

Considerações Finais

É importante compreendermos que apesar de ser uma responsabilidade da escola, esta não é garantia de formar bons escritores, exatamente por contar com outros aspectos próprios do ser humano e que não podem ser encontrados em receitas, porém podem ser suscitados através do ato da leitura propriamente dito.

De nada adianta as teorias se não forem praticadas. Existem técnicas de leitura e técnicas de escrituras várias, mas para saber qual utilizar enquanto educador/educadora

é preciso definir claramente qual o objetivo com essas atividades. Se o desejo for de contribuir com o processo de construção do sujeito crítico é necessário ter em mente “que a palavra escrita representa, nesse sentido, apenas um dos aspectos da construção do conhecimento”, ela isolada não tem sentido algum. (MATENCIO, 1994. p 31).

Esse objetivo pode ser atingido através do esforço de todos os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem (professores e alunos), se desde cedo o aluno for instigado a questionar; se mais debates em sala forem realizados antes da atividade de escrever e se mais questões de opinião no lugar das de assinalar forem exercitadas com a turma. Se estas e outras iniciativas forem tomadas, a probabilidade do índice de estudantes com dificuldades em escrever cair será bem maior.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARROS, Maria Helena. BORTOLIN, Sueli. SILVA, Rovilson José da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA Editora, 2003.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Educação Infantil e Cultura Escrita. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **Linguagens Infantis: outras formas de leitura**. São Paulo: Autores Associados, 2005.
- GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em Prosa Moderna**. 15. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.
- KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do Texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1994.

MELLO, Suely Amaral. O processo de aquisição da escrita na educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **Linguagens Infantis: outras formas de leitura**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

SMITH, Frank. **Compreendendo a Leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médica, 2003.